

---

## Hexis do hackeamento digital: estratégias de engajamento na intelectualidade plataformizada<sup>1 2</sup>

Letycia Gomes Nascimento<sup>3</sup>  
Universidade Federal Fluminense (UFF)  
Universidade LaSalle Rio de Janeiro

### Resumo:

O presente artigo propõe nomear a ação em brecha dos criadores de conteúdo nas plataformas de redes sociais, para a propagação dos discursos dissidentes do neoliberalismo de plataforma. Apoiados no princípio da *hexis* desenvolvida por Sodré (2010) a partir de Aristóteles, nomeamos a *hexis do hackeamento digital* como o driblar da norma algorítmica feito com base em princípios  ticos de solidariedade humana. Nesta equação, a literacia como competência se destaca na capacidade humana de encontrar significados ocultos no discurso que os códigos pelos quais a norma algorítmica opera não podem encontrar. Metodologicamente trata-se de um artigo teórico-analítico que não observa os novos cenários desenhados pela inteligência artificial.

**Palavras-chave:** hexis do hackeamento digital; creator economy; plataformação.

### Introdução

Com vistas a elaborar uma reflexão acerca das contradições acionadas pela comunicação enquanto espaço de articulação política e social, propomos observar o ciberespaço sob a noção de seus aparatos e fluxos informacionais, ou seja, enquanto uma rede de conectividade pelos aparelhos de média onde se desenvolvem as relações sociais, imbricadas pelas e nas experiências de diversos agentes. Este artigo busca compreender como se desenvolvem as estratégias dos criadores de conteúdo para burlar a normativa algorítmica e a seleção de dados realizada a partir da estrutura neoliberal das plataformas de redes sociais. Desta forma, apresenta-se um ensaio teórico-analítico, recorte de uma pesquisa mais ampla realizada através da análise de conteúdo nas plataformas de redes sociais, onde identificamos como os elementos que chamamos de ações em brecha apontam uma *hexis do hackeamento digital* ao mobilizar engajamentos quantitativos e qualitativos em conteúdos de esquerda no YouTube. Afim de ilustrar o que propomos como tal, apresentaremos brevemente o quadro que se desenha em um dos criadores de conteúdo analisados. Em um universo de 142 vídeos no YouTube selecionamos os 20

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Tecnologias e Culturas Digitais do 25  Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48  Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

<sup>3</sup> Doutoranda no Programa de P s-Graduação em Média e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense. Professora Mestre do curso Publicidade e Propaganda (UniLaSalle RJ).

mais comentados em quatro meses, e identificamos que ao menos cinco deles utilizam de elementos de uma ambiguidade provocativa para angariar espectadores, como no vídeo “Wanessa Camargo e o mercado de “letramento racial” publicado pelo canal Jones Manoel em abril de 2024. O vídeo em questão alcançou 26.057 visualizações e 395 comentários, em uma abordagem que toma como gancho a expulsão da cantora do Big Brother Brasil para apresentar uma crítica contundente ao identitarismo quando utilizado como ferramenta neoliberal, sem o sincero desejo de findar as opressões de classe e raça. Veja, no período analisado, trata-se de um dos vídeos mais denso teoricamente, um vídeo que toca em elementos centrais da exploração territorial africana para a sustentação do imperialismo e do poder das *Big Techs*. Assim como em “O acadêmico brasileiro é um alienado” onde o intelectual plataformizado critica a alienação acadêmica no uso dos softwares da Google e da Microsoft para o registro e produção de suas pesquisas, em detrimento de uma soberania nacional que passe pelo desenvolvimento de tecnologias digitais nas universidades brasileira. Acreditamos que o alto engajamento quantitativo dos vídeos do canal se dá tanto pela manutenção de uma persona digital comum ao seu público, mas pelo uso de *clickbait*s como estratégias de rompimento da bolha (Pariser, 2011; Magrani, 2014). Nestes exemplos visualizamos o uso das estratégias de brecha através da escolha consciente títulos e *thumbnails*, mas muitas outras são utilizadas no dia a dia tanto por criadores de conteúdo profissionais quanto por usuários de redes sociais.

Em um cenário em que dezenas de aplicativos, sites e plataformas nascem e morrem no ciberespaço nos interessam os fluxos em contexto de plataformas de redes sociais, as representações e as inferências políticas que acontecem no digital, especialmente ao considerar a comunicação como lugar de partilha, não apenas como um elo semântico superficial, mas uma construção de sociabilidade que se estabelece no âmago do desenvolvimento das sociedades (Sodré, 2014).

Desta forma, tomamos a “partilha do comum” como dogma comunicativo, uma vez que este entendimento coaduna não só com reflexões políticas, étnicas e sociais, mas caminha lado a lado com a antropologia e a linguística. Não obstante, a preservação do entendimento comum é compreendida desde a Torre de Babel (Gênesis, c.11), permitindo a humanidade se desenvolver com o registro da informação. Assim, as transformações comunicativas caminham lado a lado com as novas possibilidades a partir da elaboração dos novos *mediums* comunicativos, como a web. Se considerarmos que a formação do

humano – letrado – lhe permite compreender todos os elementos que compõe a comunicação, o alfabeto, os números, as pontuações, sendo então capaz de ler tanto o texto quanto a imagem, observamos que são capazes de realizar uma leitura do conteúdo compreendendo seu sentido ainda que 3screv4m0s de5ta f0rm@. Diferente dos meios de comunicação, especialmente da internet desenvolvida a partir de códigos binários. O que se destaca nesta diferença é o potencial humano de compreender o subjetivo.

Neste processo de desenvolvimento do sujeito acionam-se alguns dispositivos humanos, especialmente a capacidade interpretativa estruturada na literacia (Lopes, 2011), que promove aos indivíduos uma perspectiva crítica e reflexiva sobre a realidade. Isso porque o sujeito, quando suspenso da cotidianidade (da passividade da vida), torna-se capaz de elaborar sua criticidade entorno dos fluxos sociais, tornando-se “sujeito elevado” (Heller, 2016), capaz de observar o complexo contexto das relações sócio-políticas.

### **Hexis do hackeamento digital**

Para compreender a *hexis do hackeamento digital* propomos um retorno ao desenvolvimento da comunicação enquanto um valor compartilhado, que é apontado por Sodré (Sodré, 2010, p. 9) como a *hexis* educativa, responsável pela “transformação das referências simbólicas com que se forma (educadamente, politicamente) a consciência de jovens e adultos”. Assim é *hexis* o valor ético com que as coisas são interpretadas pelos cidadãos.

As duas palavras gregas referem-se a costume, modo de agir. Em *hexis* (o radical vem do verbo *echo*, que significa “ter”, traduzido em latim por *habeo*, donde deriva “hábito”), porém, afirma-se o sentido de uma prática sem automatismo, uma ação que exprime a transformação, pelo agente, do ter em ser. Explica Aristóteles ser tal prática “o que nos dá, a respeito das afecções, um bom ou um mau comportamento” (Ética a Nicômaco). Não é, portanto, o mesmo que *ethos*, consciência viva do grupo que impõe o sentido de costume como maneira regular ou mecânica de agir, suscetível de produzir atos morais negativos ou tirânicos. (Sodré, 2010, p. 84)

Sodré compreende que enquanto o *ethos* compõe a formação do sujeito e suas características boas e ruins, a *hexis* é o que corrige o desvio moral que pode estar intrínseco aos sujeitos. De tal forma que as experiências de engajamento são marcadas tanto pelo *ethos* antecedente deste sujeito (criador e) espectador, que não é um receptáculo vazio, mas também pela *hexis* num todo complexo e coordenado de suas próprias ações e inferências.

O que é consumido pelos usuários é elaborado e desenvolvido pelos criadores de conteúdo como processos de tradução, como é, em síntese, o ato de comunicar. Contudo, esta tradução não é exclusivamente o ato comunicativo, mas como qualquer processo de compartilhamento no ciberespaço, é a tradução entre a ideia, o código e a visualização. No caso das alterações ortográficas, ao utilizar arrobas, hashtags ou números no meio das palavras (m4t@ar, p. ex.), esse processo de tradução coloca-se em um desenvolvimento aproximado da linguística, onde os símbolos acionam as inferências semióticas dos usuários, ao mesmo tempo que se dissolvem no meio da codificação do ciberespaço. O mesmo processo pode se desenvolver com o uso de *clickbait*s nas *thumbnails* das redes sociais. Podemos voltar ao passado para observar o fenômeno, como nas experimentações realizadas pela música, principalmente nas poesias cantadas de Caetano Veloso, Geraldo Vandré, Gilberto Gil e Elis Regina – para citar apenas alguns expoentes no enfrentamento artístico à Ditadura Militar brasileira.

Ao tentar driblar as configurações das redes sociais, que ignoram as subjetividades justamente por não estarem interessadas em lidar com as implicações do alto fluxo de criação, usuários criadores ou consumidores de conteúdo, passam a utilizar estratégias em brecha para fugir dos filtros de ocultação algorítmica. Como, por exemplo, no uso de caracteres especiais na escrita de uma palavra simples, ou um BIP na edição do áudio do vídeo veiculado, e ainda que aos olhos humanos essa seja uma charada fácil de ser compreendida, é justamente o fator humano que se sobressai nesta equação. Estratégias simples como esta, ou também no uso do sussurro, dos asteriscos ou nas inserções de efeitos de áudio na pós-produção são comumente usadas para driblar os interesses das plataformas, e permitir aos criadores abordar temas que contrariam as determinações das redes. Recurso que hoje pode servir principalmente à luta anti-imperialista, uma vez que após a posse de Donald Trump em segundo mandato presidencial, a Meta de Mark Zuckerberg pôs fim ao Programa de Verificação de Fatos nos Estados Unidos, e liberou o uso direto de conteúdos racistas e discursos criminalizatórios sob a pretensão de tornar-se mais aberta à liberdade de opinião.

Deste modo, compreendemos que criadores de conteúdo nas redes sociais podem acionar sua *hexis* pessoal propondo maneiras de se comunicar que acionem os elementos próprios da formação humana, como o letramento, permitindo a seus públicos encontrar conteúdos que valorizem tanto o *ethos* quanto a *hexis*. Chamamos de hackeamento as estratégias utilizadas pelos criadores de conteúdo para contornar as regras e

determinações algorítmicas, que junto à Carrijo e Escosteguy (2023) refletem as noções de tecnicidades latinas de Martín-Barbero (2004, 2006). Tecnicidades estas que são diretamente influenciadas pelas matrizes culturais que se transformam ao longo do tempo.

Mais do que isso, o uso humano das estratégias de hackeamento digital pode permitir com que o conteúdo de determinado criador seja alcançado por diversos públicos que observam e interpretam aquela criação com olhos e experiências não previstas a partir das rotinas de interação comum daquele criador, furando sua “bolha”. Isso porque em seu processo de criação de conteúdo apela para elementos e gatilhos didáticos que são capazes de chamar a atenção de novos públicos. A experiência de furar a bolha pode se dar por brecha na organização algorítmica, mas comumente ocorre pela afetação do conteúdo na realidade do usuário social ou pessoal, ou ainda por uma estratégia dos criadores na escolha da angulação do tema em que abordam. Ou seja, os ganchos e gatilhos que acionam para seus conteúdos, e aqui está posta a *hexis do hackeamento digital*. O que nos faz corroborar com Carrijo e Escosteguy (2023, p. 17) e seu levantamento analítico quanto a necessidade de “enxergar sujeitos como sujeitos” e não usuários. Ainda que pensando os meios de comunicação de massa, não parece haver nada que indique a desatualização do mapa das mediações (Martin-Barbero, 2004) ou sua relevância para a compreensão do consumo midiático. Uma vez que em seu desenvolvimento o autor compreende não só os formatos industriais, mas as matrizes culturais e conseqüentemente como elas impactam os usos da tecnicidade. Desta forma, devolver aos sujeitos o local de sujeitos compreende seu letramento digital como elemento diretamente relacionado com suas competências de recepção. Assim, mesmo que operem as lógicas de shadowban sujeitos suspensos (Heller, 2016) são dotados das competências necessárias para operar as tecnicidades das plataformas de redes sociais para decidir o que e quando consumirão cada formato de conteúdo digital.

A força das estruturas capitalistas nunca fora suficiente para frear a solidariedade e as lutas que se desenvolvem na construção do dirigismo ao longo da substância histórica (Heller, 2016). Consideramos a ideia de uma *hexis de hackeamento digital* como força motriz do direcionamento político feito nas plataformas, como uma forma de hacktivismo (Faustino; Lippold, 2023). Estas estratégias de hacktivismo podem se desenvolver, por exemplo, com ações que simulam ser consoantes com o interesse das redes, mas se apresentam como estratégias de engajamento algorítmico – ou seja engajamento enquanto marco quantificador – justamente para alcançar um público maior, que lhes permita

conectar seu nicho de conteúdo em um engajamento afetivo e da práxis de que fala Bastos (2023), seja na forma da agitação ou da propaganda (Lenin, 1977).

Assim a função dos intelectuais plataformizados (Nascimento; Bastos, 2024) segue sendo a de pautar temas socialmente relevantes, e movimentar a estrutura dos algoritmos de rede social a partir de suas próprias lógicas, via estratégias de hacktivismo. Seja na reflexão anticolonial de Faustino e Lippold (2023) com a “crítica hacker-fanoniana”, que ao discutir o contexto do colonialismo digital resgata o uso dos meios de comunicação por Fanon, na luta de libertação da Argélia, propondo uma possibilidade de uso das novas tecnologias digitais para superar o próprio colonialismo digital. Seja na análise técnica das alterações gráficas que ao encontrarem as brechas mantem o princípio semântico presente na *hexis* do criador. Estas estratégias são tentativas de driblar a lógica das plataformas, as quais estão submetidos os criadores de conteúdo, lógicas estas que substituem as já conhecidas regulações das mídias tradicionais, e o papel do editor enquanto *Gatekeeper*, função agora exercida em disputa com o *machine learning* e as estratégias de propagação.

Baquero, Baquero e Morais (2016) percebem a internet como um meio de socialização do cotidiano, em um cenário onde as redes sociais digitais (RSD) conectam pessoas e não apenas interfaces (Recuero, 2009). Contudo, os sites de redes sociais desenvolvidos pelo desejo de conexão humana são transformados em espaços de conexão de dados e desenvolvimento de uma estrutura altamente conectada. Ao utilizar-se das estratégias de hacktivismo, os conteúdos são elaborados de forma criativa, e com linguagem acessível que tende a aproximar os públicos das discussões até então formais e excludentes da sociedade política, aproximando o sentido de engajamento como uma afetação sensível dos públicos. Onde o engajamento deve sair da superficialidade das interpretações de desempenho para uma noção epistemológica reflexiva e crítica do conceito (Bastos, 2023). O que contradiz a percepção mercadológica do termo assumida entre os anos 1990 e 2000, que se dava em alinhamento com as transformações semânticas do capitalismo (Grohmann, 2018).

### **Comunicação e política em plataformas de redes sociais**

O que se desenha no mundo plataformizado é uma dinâmica em que o comunitarismo, ou seja, o conhecimento do outro, não possui valor para além da lógica da materialidade econômica. Nas plataformas de redes sociais, estes vínculos são interceptados por códigos conectivos, que além de imporem uma nova barreira à

vinculação, posicionam a subjetividade reificada como um *Commodity* (Sodré, 2014). O cenário se complexifica à medida que os dispositivos midiáticos tornam-se tão naturalizados na vida cotidiana a ponto de representarem uma nova esfera da formação humana, assim o *bios* torna-se ao mesmo tempo midiático e espetacularizado (Sodré, 2014). Neste caminho, a tecnologia serve de palco para a sociedade do espetáculo que se desenvolve e se firma sem maiores dificuldades na sociedade.

Ao propor a Sociedade em Rede, Castells (1999) acreditava que este se tornaria um espaço de conexão humana globalizado, sem as limitações impostas pela materialidade do corpo e do território físico. Hoje, compreendemos que há diversos outros fatores que impedem a interpretação da Cultura Digital como espaço romântico de conexões humanas, mas ainda assim, são espaços de conexões humanas mediadas pelas materialidades digitais onde podem, e devem, circular a *hexis* de uma sociedade solidária e politicamente consciente.

Modificar o polo de consenso na mídia é tarefa dirigente em toda história da comunicação, Gramsci o fez em seu tempo, Karl Marx também, Simone de Beauvoir, Michel Foucault e muitos outros filósofos e sociólogos também reconheciam a mídia como um relevante ponto de disputa discursiva. Compreendendo a importância de mediatizar-se para propagar, na sociedade civil, suas ideias e as disputas que travavam na sociedade política. Justamente por reconhecerem a força de uma sociedade organizada e consciente de seus interesses e do poder de sua classe mobilizada, e não há classe organizada sem educação emancipatória, raciocínio crítico e formação coletiva. Aspectos fundamentais da vida que podem se desenvolver nas plataformas de redes sociais.

Ao transpor os fundamentos do dirigismo político para a sociedade de plataforma, tentamos compreender as possibilidades de transformação dos Aparelhos Privados de Hegemonia para a ação dos “subalternos” em prol da modificação da lógica política vigente. Não em uma ação individualizante dos espaços de mídia ou na ação dos comunicadores isoladamente, mas por um efeito coletivo de conscientização através da práxis política e comunicativa dos intelectuais plataformizados. “É verdade que a conquista do poder e a afirmação de um novo mundo produtivo são indissociáveis; que a propaganda em favor de uma coisa é também propaganda em favor da outra” (Gramsci, 1999, p. 427-428) e nestes espaços de propaganda enxergamos como possível a ação política coletiva nas brechas “de uma nova síntese para uma terceira modernidade na qual

---

uma inversão genuína e seu pacto social sejam institucionalizados como princípios de um novo capitalismo digital racional.” (Zuboff, 2021, p. 70).

Justamente por isso é preciso intensificar a *hexis*, a formação moral, política e crítica dos atores sociais, galgando tecer relações entre sujeitos com ampla energia moral e intelectual, de modo que possam, coletivamente, organizar um todo transformador da realidade, para que deixem de ser exceções. Ao passo que o aumento sistemático do controle da política global nas mãos de pequenos grupos de tecnologia, não nos deixa alternativa a não ser suscitar a possibilidade de existência destas brechas, onde podem atuar dirigentes políticos extraordinários no percurso de formação política do século XXI. O que percebemos é que a intelectualidade não é essa coisa restrita a grupos sociais acadêmicos ou a modelos de inteligência padronizados nas experiências políticas e sociais de renome, mas uma formação social que se desenvolve em todos os campos do saber e nas experiências de compartilhamento e sociabilidade. Assim, há uma relação que amalgama as competências profissionais (Karhawi, 2022) do criador de conteúdo digital com a intelectualidade, naquilo que chamamos de intelectualidade plataformizada (Nascimento; Bastos, 2024).

### **Conclusão**

São inúmeros os movimentos políticos que se organizam na esfera digital e ganham as ruas, e ainda que muitos indivíduos continuem aglomerados em suas telas sem a ação efetiva da práxis, não temos mais dúvidas do potencial de seus usos para a justiça social, não porque esta é uma característica intrínseca a ela (porque não é), mas pelas articulações que a literacia midiática e o engajamento político civil permite desenvolver. Deste modo, galgamos saber como pode se desenvolver a articulação política junto às novas tecnologias comunicativas, tomando como base o uso do jornalismo como espaço de tradução da realidade, política e social, em seus múltiplos contextos políticos que fazem eclodir a *hexis*.

Tufekci (2017, p. 30) é enfática, “a atenção é o oxigênio dos movimentos [sociais]. Sem ela, eles não podem ser consumados”, em tradução livre as palavras da socióloga turca deixam clara a relevância dos movimentos de ativismo digital para a superação do processo ditatorial enfrentado pela Turquia. Ainda que as plataformas de rede social sejam espaços de difusão na mesma lógica do capitalismo midiático, a criação de conteúdo encontra certa “liberdade vigiada”. Com a presença massiva da população brasileira na internet, ampliam-se as redes de sociabilidade digital de tal forma que o

monopólio da atenção não é possuído apenas pela mídia tradicional, nesta dinâmica “nem a censura, nem a competição por atenção operam da mesma maneira” (Tufekci, 2017, p. 31).

Estando nas plataformas de redes sociais compartilhando seus saberes, desejos, práticas e princípios, os intelectuais plataformizados interagem no ciberespaço conhecendo a estrutura das redes tanto com propriedade de letramento crítico, quanto com conhecimentos de cultura e de *medium*. De modo que nos debruçamos sobre a intelectualidade como movimento tão subjetivo quanto prático, onde os vínculos comunicativos são ferramenta estruturante do processo de formação política em rede. De tal forma que o desenvolvimento tecnológico sempre apresenta novas possibilidades e caminhos que implicam reencontrar como realizar a “partilha do comum” (Sodré, 2010). Assim, muito mais do que estar na web, o que importa é como os intelectuais plataformizados constroem sua intelectualidade e politizam suas redes conectivas. Movimento que acompanha intrinsecamente a tentativa de produção de conteúdo na internet, hackeando a normativa algorítmica, dadas as imposições da própria dinâmica da plataformização, como a dataficação e o engajamento quantitativo e não apenas qualitativo, crítico e afetivo (Bastos, 2023).

## Referências

- BAQUERO, Marcello; BAQUERO, Rute Vivian e MORAIS, Jennifer. Socialização política e internet na construção de uma cultura política juvenil no Sul do Brasil. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 37, n.137 (out-dez), 2016
- BASTOS, Pablo Nabarrete. Dialética da insularidade: Notas para compreensão da hegemonia popular. **Compolítica**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 99–120, 2023. DOI: 10.21878/compolitica.2023.13.1.561. Disponível em: <https://revista.compolitica.org/index.php/revista/article/view/561>. Acesso em: 10 jun. 2025.
- BÍBLIA. Gênesis. In: BÍBLIA. **Sagrada Bíblia Católica**: Antigo e Novo Testamentos. Tradução: Pe. Matos Soares. 47 ed. São Paulo: Paulinas, 1990.
- CARRIJO, Ana Julia; ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Um passo atrás para dois à frente: interlocuções com a pesquisa latino-americana sobre algoritmos e cultura digital. In: **Anais (...)**. 32º Encontro Anual da Compós, Universidade de São Paulo (USP). São Paulo. 2023.
- CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- DEAN, Jodi. Capitalismo comunicativo e luta de classes. **Lugar Comum–Estudos de mídia, cultura e democracia**, n. 61, p. 115-138, 2010.
- FAUSTINO, Deivison; LIPPOLD, Walter. **Colonialismo Digital**: por uma crítica hacker-fanoniana. São Paulo: Boitempo, 2023.

GILLESPIE, Tarleton. A relevância dos algoritmos. **Revista Parágrafo**. São Paulo, Brasil, v. 6, n. 1, jan./abr, p. 95-121, 2018.

GROHMANN, Rafael. A Noção de Engajamento: sentidos e armadilhas para a pesquisa em comunicação. **Rev. Famecos: mídia, cultura e tecnologia**. Porto Alegre, v.25, n.3 (set-dez), 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2018.3.29387>

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. 11ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Ed.Paz e Terra, 2016.

KARHAWI, Issaaf. **De blogueira a influenciadora**: etapas de profissionalização da blogosfera de moda brasileira. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2022.

LENIN, Vladimir. **Que Fazer?** Problemas cadentes do nosso movimento. Lisboa: Editorial Avante, 1977.

LOPES, Paula Cristina. Literacia (s) e literacia mediática. **CIES e-Working Papers**, 2011. Disponível em: [https://repositorio.biblioteca.iscte-iul.pt/bitstream/10071/2973/1/CIES-WP110\\_Lopes.pdf](https://repositorio.biblioteca.iscte-iul.pt/bitstream/10071/2973/1/CIES-WP110_Lopes.pdf). Acesso 10 fev 2025.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de Cartógrafo: Travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

NASCIMENTO, Letycia; BASTOS, Pablo. Intelectuales en plataformas: aportes teóricos, alcances y límites para la praxis. **Correspondencias & Análisis**, v. 19, p. 196-220. 2024. <https://doi.org/10.24265/cian.2024.n19.08>.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção Cibercultura).

SEMERARO, Giovanni. Intelectuais ‘Orgânicos’: atualidade e contraponto. (**Anais Anped**). out-2009. Disponível em <http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalho/GT17-2687--Int.pdf>. Acesso em 15 abr 2023

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum**. 1ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis, Editora Vozes, 2002.

TERRANOVA, Tiziana. **Network Culture**: Politics for the Information Age. Pluto Press. 2004. DOI: <https://doi.org/10.2307/j.ctt183q5pq>.

TUFEKCI, Zeynep. **Twitter and Tear Gas**: The Power and Fragility of Networked Protest. E-book. Yale University Press. New Haven & London, 2017.

VIANA, Marina Fernanda. Racionais recebem título de Doutor Honoris Causa concedido pela Unicamp. Fonte: **Estadão**. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/cultura/musica/racionais-recebem-titulo-de-doutor-honoris-causa-concedido-pela-unicamp-nprec/#:~:text=A%20Universidade%20Estadual%20de%20Campinas,%C3%BAltima%20quinta%20feira%2C%206.&text=A%20honraria%20reconheceu%20Mano%20Brown,com%20o%20pensamento%20social%20brasileiro%E2%80%9D>

---

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância**: a luta por um futuro humano na nova fronteira de poder. Trad. George Schle singer. Intrínseca: Rio de Janeiro, 2021.